

Luta Cruz: corpo-manifesto

Luta Cruz: Body-Manifesto

 Iaranda Jurema Ferreira Barbosa

Resumo: Reconhecer-se mulher negra em Abya Yala é um processo complexo, que exige, entre outras demandas, a consciência referente a ancestralidades e aos embates antirracistas historicamente travados contra todo um sistema desenhado para que os povos da forçada diáspora negra desaparecessem. Nesses campos de batalha nasce Luta Cruz, uma artista afrofeminista chilena com hirsutismo que sofreu violência de diversas ordens e a usou para empoderar-se e promover ações para que outras mulheres, sobretudo negras, não aceitem agressões. Foi sobre Luta Cruz que este artigo se debruçou, através de um referencial teórico composto, basicamente, por Gonzalez (2020), Carneiro (2020), bell hooks (1989), Grada Kilomba (2019) e por uma entrevista com a afrofeminista chilena em tela, para o canal do YouTube “Negra Como Yo” (2020). O objetivo principal foi apresentar a artista e suas contribuições no tocante ao enfrentamento do preconceito e dos estereótipos que versam sobre o feminismo e a negritude.

Palavras-chave: Luta Cruz, afrofeminismo, Chile.

Abstract: Recognize yourself as a black woman in Abya Yala is a complex procedure that requires, among other demands, awareness of ancestries and

Iaranda Jurema Ferreira Barbosa. Doutora em Teoria da Literatura UFPE, Mestra em Teoria da Literatura (também pela UFPE) e graduada em Letras Português/Espanhol, pela mesma instituição. Atua principalmente nos seguintes temas: Literatura Fantástica, Língua, literatura e culturas de língua espanhola e portuguesa; Doutorado sanduíche na Pontificia Universidad Católica del Perú. Professora do Departamento de letras e Artes na UEPB.

historically anti-racist struggles against a whole system aimed at making the black diaspora peoples disappear. Within these battlefields, Luta Cruz was born. A Chilean afrofeminist artist with hirsutism due to several kinds of inflicted violence, which she used to empower herself and promote actions for other women, mainly black ones, do not accept aggressions. This work aims to focus on Luta Cruz, supported by a theoretical background based on Gonzalez (2020), Carneiro (2020), bell hooks (1989), Grada Kilomba (2019), and a video interview with the Chilean afrofeminist Luta Cruz for the YouTube channel “Negra Como Yo” (2020). The main purpose is about presenting the artist and her contribution concerning the confrontation of prejudices and stereotypes over feminism and blackness.

Keywords: Luta Cruz, afrofeminism, Chile.

Encruzilhadas e ausências

Em todos os níveis de ensino de Língua Espanhola, são quase inexistentes as abordagens relacionadas a aspectos artísticos, culturais e/ou teóricos associados aos amefricanos (Gonzalez, 2020). Em alguns casos, podemos identificar em livros didáticos, por meio do esforço pessoal de certos professores, a inserção de temáticas como a *santetería* cubana, poemas de Nicolás Guillén ou canções de Celia Cruz. Mais recentemente, devido ao sucesso mundial e aos diálogos musicais estabelecidos com cantores brasileiros, o bachateiro amefricano de origem dominicana Romeo Santos, mesmo de modo bastante incipiente, começa a se fazer presente nas aulas de E/LE. Tal ausência reforça a tentativa de apagamento relacionada à presença africana em Abya Yala, fomentando a ideia de que a população negra nos países de língua espanhola não existe ou é tão insignificante que não aportou contribuições para a formação do território.

Na contracorrente desse pensamento, Lélia Gonzalez, pautada nos aspectos linguísticos (que incidiram diretamente no Inglês, no Espanhol no Francês e no Português da região), nos costumes, nas manifestações artísticas e nos comportamentos dos povos do continente americano, mais especificamente na América de língua espanhola, desenvolve uma reflexão sobre amefricanidade. Ou seja, as marcas que evidenciam a presença negra na construção cultural do continente americano:

O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, e também a ausência de certas consoantes (como o L ou o R, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isso sem falar nos dialetos “crioulos” do Caribe). Similaridades ainda mais evidentes são constatáveis se o nosso olhar se volta para as músicas, as danças, os sistemas de crenças etc. Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular”, “folclore nacional” etc. que minimizam a importância da contribuição negra (Gonzalez, 2020, p. 116).

Além das características apresentadas, a teórica também compõe a categoria de amefricanidade pautada na formação histórico-cultural do Brasil, nas contribuições indígenas, na geografia do continente, na interdisciplinaridade e nas contradições, de acordo com Gonzalez (2020), dos termos “afro-american” e “african-american”, pois:

Os termos “afro-american” (afro-americano) e “african-american” (africanoamericano) nos remetem a uma primeira reflexão: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos, e não em todo o continente. E a uma outra, que aponta para a reprodução inconsciente da posição imperialista dos Estados Unidos, que afirmam ser “A AMÉRICA”. Afinal, o que dizer dos outros países da

AMÉRICA do Sul, Central, Insular e do Norte? Por que considerar o Caribe como algo separado, se foi ali, justamente, que se iniciou a história dessa AMÉRICA? [...] Quanto a nós, negros, como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmos enquanto descendentes de africanos se permanecemos prisioneiros, “cativos de uma linguagem racista”? Por isso mesmo, em contraposição aos termos supracitados, eu proponho o de americanos (“amefricanos”) para designar a todos nós.

As implicações políticas e culturais da categoria de amefricanidade (Amefricanity) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos iorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. [...]

Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. Portanto, a América, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo amefricanas /amefricanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, amefricanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada (Gonzalez, 2020, p. 122-123).

As reflexões de Gonzalez são provocadoras e nos impelem a lançar o olhar para nações como o Chile e nos damos conta de que são cada vez mais reforçadas as falácias de que não houve (e não há) presença significativa dos povos africanos nesse país. Falácias essas reforçadas por ausências significativas para o grande público, sobretudo, quando observamos grandes eventos, tais como Copa do Mundo, Olimpíadas ou Jogos de Inverno e não (ou pouco) encontramos amefricanos nas equipes.

Em se tratando de arte, as referências também são escassas (ou nulas). Onde estão exemplos negros na literatura, pintura, cinema, dança e música? E as representações femininas? É sabido que 25 de junho é o dia da mulher negra, latina e caribenha. Uma busca rápida relacionada à data no *Google* nos traz nomes advindos de países que praticamente se repetem desde a criação do evento: Haiti, Cuba, Colômbia, República Dominicana, Jamaica e, claro, Brasil. Nesse sentido, há várias problemáticas, e aqui destacamos três: as mulheres negras apenas são lembradas nessa data; as mulheres negras com representatividade se resumem aos países citados; em países como o Chile não houve escravidão africana.

Logo, a abordagem de personalidades femininas que rompem a bolha dos estereótipos é imprescindível para conhecer novas realidades e para confrontar imaginários coletivos embasados na ausência tanto da contribuição negra quanto da potência feminina. Na esteira desses propósitos, nos deparamos com a cantora, compositora e ativista social chilena Luta Cruz, que lacera as diversas esferas que circundam a sociedade. Em seu “Manifiesto antirracista” estão presentes alguns dilemas enfrentados pelas mulheres negras:

Los mismos ojos de mi hermana / son los mismos ojos de mi madre / Ambas apuntadas por igual / Negras / sucias / cimarronas / violentas / sexuales / esclavas / Y pienso: ¿Tengo tiempo para

preguntarme acaso si soy negra cuando me golpean en la calle?
/ ¿Cuando me exotizan? / ¿Cuando me preguntan cuanto cobro?
/ ¿Cuando quieres tocar mi cabello? / ¿Cuando crees que no entiendo lo que me dices? / Y aun así te tolero / Y te acercas a mí para seguir aprovechándote / Disfrutaban mucho nuestro silencio / adoctrinan nuestra identidad / toman nuestra música y la venden al mejor precio / Siguen creyendo que estamos solos / Y todo lo de afuera estuvo adentro mientras sonaba la voz de mi madre que me recordaba en diferentes ocasiones: tienes más oportunidad por ser clara, mulata, negra clara, morena, curiche, birracial / Y el espejo me gritaba: ¿quieres un lunar en el rostro? ¿Uno sexy, como la Marilyn? Marilyn Monroe / la mujer de todas las épocas / Y yo con mi cabello liso y rubio y un maquillaje blanco mirándome al espejo me preguntaba: ¿soy ahora blanca? (Cruz, 2020).

O manifesto de Luta Cruz dialoga com Lélia Gonzalez (2020), quando a teórica chama a atenção para o fato de que a mulher sofre tripla discriminação devido à raça, ao gênero e à classe social. Portanto, enquanto o feminismo, o movimento negro e os grupos de esquerda direcionam abordagens amplas relacionadas à mulher, ao homem negro e à luta de classes, respectivamente, a mulher negra não é contemplada por nenhuma dessas vertentes, pois, apesar de estar inserida nos três grupos, é excluída ora por não ter suas especificidades contempladas, ora por não ter voz ativa em nenhum deles.

Embora Gonzalez (2020) manifeste tais análises levando em consideração o Brasil e percebamos que muitas semelhanças existam quando tratamos de racismo e heranças coloniais, é inegável que as realidades das mulheres amefricanas exigem demandas diferentes em todo o continente. Mais especificamente, em se tratando do país de origem de Luta Cruz, autoafirmar-se afrochilena se processa de modo bastante complexo, pois apenas em 2019 é promulgada a Lei nº 21.151, que reconhece os afrodescendentes como um povo tribal do Chile:

Artículo 1.- La presente ley otorga el reconocimiento legal al pueblo tribal afrodescendiente chileno, y a su identidad cultural, idioma, tradición histórica, cultura, instituciones y cosmovisión.

Artículo 2.- Se entiende por afrodescendientes chilenos al grupo humano que, teniendo nacionalidad chilena en conformidad a la Constitución Política de la República, comparte la misma cultura, historia, costumbre, unidos por la conciencia de identidad y discurso antropológico, descendientes de la trata trasatlántica de esclavos africanos traídos al actual territorio nacional entre los siglos XVI y XIX y que se autoidentifique como tal.

Artículo 3.- Los saberes, conocimientos tradicionales, medicina tradicional, idiomas, rituales, símbolos y vestimentas del pueblo tribal afrodescendiente chileno son y serán valorados, respetados y promocionados por el Estado, reconociéndolos como patrimonio cultural inmaterial del país.

Como se reconhecer inserida em um grupo que apenas passou a “existir” legalmente em 2019? Daí percebemos a complexidade em empoderar-se, assumir discursos, reclamar por reparações históricas, combater violências, rejeitar agressões, confrontar o sistema. Em meio a essa negação histórica da existência do povo negro no Chile, é perceptível e compreensível a ausência expressiva, no sentido numérico, de referências nas teorias antirracistas, na literatura, nas artes, na ciência, nas instituições de ensino. Isso não significa dizer que os cidadãos chilenos negros não se reconhecessem enquanto tal, mas que o processo de autoafirmação e autorreconhecimento perpassa por complexidades de ordem civil, histórica e cultural.

Nossos corpos nos pertencem

Filha de uma brasileira negra e de um chileno branco, Luta Cruz se define como uma mulher birracalizada. A descendência brasileira e a herança africana por parte de mãe foram uma mola propulsora para que a artista, após se reconhecer negra, procurasse se aprofundar mais na ancestralidade e buscasse diálogos entre os dois países. Os frutos dessas inquietações são algumas músicas pautadas em ritmos como a bossa nova e o funk, por exemplo, e em letras compostas em português.

Luta Cruz performa e se manifesta em meio a ausências, negacionismos e tentativas de apagamento. Ela promove encontros, inclusive, incidentais tais como a aproximação, neste artigo, entre o seu “Manifesto antirracista” e o alinhamento entre Gonzalez (2020), o *black feminism* da década de 1970 e o conceito de interseccionalidade, criado por Kimberlè Crenshaw, nos anos de 1980:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 117).

Chamamos a atenção para o último termo da citação: “desempoderamento”. As recorrentes e diversas violências impetradas às mulheres negras fomentaram e fomentam até os dias atuais uma luta constante

para que as amefricanas iniciem cada vez mais cedo o processo de empoderamento. Entretanto, é válido ressaltar que se empoderar, neste sentido, não significa resgatar um poder anteriormente retirado, mas sim negado, ou melhor, que dificilmente foi possível ser pensado pelas mulheres negras devido a toda construção histórica, social, política, religiosa e estética.

É imprescindível destacar que essa tripla discriminação cresce exponencialmente se considerarmos questões de sexualidade, religião e identidade, por exemplo. Ademais, é fundamental evidenciar que mulheres brancas no contexto escravocrata, pós-abolição e/ou imigratório não tiveram sua condição humana colocada em dúvida ou, na grande maioria das vezes, negada, tanto no tocante a serem vendidas enquanto mercadorias quanto no sentido de serem consideradas animais. Daí a importância dos versos de Luta Cruz referentes à exotização, erotização e à animalização.

A bestialidade e a objetificação configuram-se ainda hoje estigmas associados às mulheres negras e ao longo dos séculos incorporam novos significados negativos. Atitudes como aumentar o tom de voz para se impor, defender o ponto de vista de modo mais enérgico ou se posicionar com superioridade em determinado assunto, quando advindas de mulheres brancas adquirem um caráter, quando negativo, voltado para a histeria ou loucura. Entretanto, quando advêm de mulheres negras, além do viés patológico, as classificações perpassam pela selvageria (raivosa), falta de classe (grosseira), pouca educação (ignorante), presença inóspita (incivilizada) e outros adendos que aos poucos se direcionam para aspectos relacionados à higiene e à estética.

Vale a pena ressaltar que Luta Cruz, ao assumir o hirsutismo, define-se, como mulher com barba, peluda, de bigode e sexy. Logo, seu corpo é manifesto e enfrentamento aos estereótipos e às padroniza-

ções sociais e estéticas impostas às mulheres negras (e peludas). Ela é, portanto, um corpo político, feminino, negro, performativo, individual e ancestral. Uma mulher que expõe os pelos do rosto, das axilas, das pernas e que canta pelo direito de ser livre. Observamos uma artista que enfrenta as convenções que buscam anular a mulher amefricana enquanto ser humano através de normas sexistas e generalistas relacionadas ao feminino, mas que excluem – ou pelo menos não se relacionam em um primeiro momento – as mulheres negras: fragilidade, delicadeza, doçura, meiguice. Em contrapartida, as relacionam a: trabalhadora braçal, mais resistente à dor, violenta, exótica. A expressão sexo frágil caberia, *a priori*, para Luta Cruz enquanto afrochilena, peluda, corpulenta, com vasta cabeleira, de origem pobre, lésbica? Na esteira desse pensamento, nos ancoramos em Sueli Carneiro (2020, p. 2), quando a teórica afirma:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto.

No seio dessas reflexões, encontramos bell hooks (1989), que diferencia *objetos* de *sujeitos* ao afirmar que, estes, têm o direito de definir, estabelecer e nomear suas próprias realidades, identidades e histórias. Aqueles, têm a realidade definida e a identidade criada por outros, e a

“história [é] designada somente de maneiras que definem relação com aqueles que são *sujeitos*” (hooks, 1989, p. 42). Com base nos aportes teóricos de hooks, Grada Kilomba (2019, p. 28) salienta:


Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político. Além disso escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais, tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada.

A escrita de canções que expurgam sentimentos e experiências é peça fundamental para Luta Cruz reconhecer-se enquanto sujeito, dona do próprio querer, ser autônomo, construtora de si mesma, escritora da sua história. É importante destacar alguns episódios na vida da artista, que nos fazem compreender empiricamente a passagem do objeto ao sujeito durante a pré-adolescência. A artista, então com doze anos de idade, informa à mãe que não quer mais cuidar da sobrinha, pois idealizava outros planos para a vida. O empoderamento começa a despontar:

Cambié totalmente porque de verdad era muy de una chica muy de mi casa, tuve muy pocas amigas en mi infancia, eh, porque viví, crecí en departamento, entonces, digamos que no salía a jugar a la calle ni nada, hasta que cuando falleció mi papá, después seguí en la casa hasta que cumplí como doce años que empecé la adolescencia, ya en ese tiempo cuidaba a mi sobrina, mi hermana ya había tenido a una hija, entonces ya estaba haciendo cargo de mi sobrina y todo, y un día, como que desperté. Y dije: ok, yo no quiero criar, yo no soy madre, yo no elegí esto, y le dije a mi mamá “mamá, yo no voy más a cuidar a mi sobrina no porque no la ame sino porque necesito hacer mi vida”

[...]

Cuando cumplí trece, mi mamá fue a la iglesia y a mí se me ocurrió a cortar toda la ropa que tenía, porque tenía ropa de evangé-



lica, así, hasta aquí, hasta aquí el cuello, la falda hasta abajo para que no se viera ni el tobillo, por favor, nada, que no se viera nada, tapada, tapada, tapada, y el pelo larguísimo hasta la cintura [...] y siempre estaba muy así, amarrada, claro, como evangélica, y resulta que corté toda mi ropa, todo lo hice corto, todo lo hice peto, las faldas quedaron una falda diminuta, todo. Las panti, las rompí todo [...] no me quedó ninguna ropa sin cortar. Y me puse la ropa y me hice un look como punk, así como una cosa rara y llegué a mi mamá y pensó que yo estaba endemoniada [...] Yo me di cuenta de que no había siquiera una vez elegido mi ropa. Y era que mi mamá quería que yo me vistiera así y yo dije ¿cómo si yo ni siquiera me siento cómoda con esto? Yo me siento cómoda con algo más corto. Quiero correr, quiero hacer mis cosas, quiero jugar (Negra Como Yo, 2020).

Há um libertar-se das amarras da religião, do silenciamento, da divisão sexual do trabalho. Luta Cruz reclama para si o direito à escolha, seja para com a roupa, seja para com o destino que quer construir. É imprescindível considerar o contexto no qual ela foi criada, tanto no que se refere ao próprio lar quanto ao país. Então, a declaração da artista é marcada por uma forte atitude de insubordinação e empoderamento, pois o ambiente social era ainda mais fechado e violento que o atual. É possível considerar que mudanças podem haver ocorrido, contudo, outros episódios mencionados por Luta Cruz revelam o quão sólidas estão as violentas estruturas não apenas do patriarcado, mas também do racismo, que a todo momento utiliza ferramentas para desumanizar as mulheres negras:

La violencia física nunca está acompañada solo de la violencia física también va con violencia psicológica. Y recibir violencia de una mujer fue complejo para mí entenderlo. Entenderme como una mujer que había sido violentada. Entonces, cuando terminé esa relación fue cuando ya no pude más y fue cuando mi mamá un

día me fue a ver y yo tenía toda la cara morada. Ahí fue cuando terminé esa relación porque dije: si mi mamá me viene a ver y yo no puedo ni siquiera abrirle la puerta es porque eso está muy mal. [...]

La familia de ella siempre hacía mucho énfasis en que yo era negra. “Ella que tiene un cuerpo diferente”, “Ella que tiene el pelo diferente” [...] por ejemplo, mi exsuegra, en este caso, “Ay, mi hija sale con una mujer negra”. Y yo, como que me miraba y decía: ok, sé que soy una mujer negra, pero tampoco soy tan oscura. Entonces [...] estuvo siempre esa pregunta a mí. Y decía ya, perfecto, ok, soy una mujer negra, pero ¿qué es ser negra? Siempre me quedé ahí, hasta que después cuando tuve esta relación con este chico, que sufría racismo muy fuerte por parte de su familia [...] me di cuenta de que ipucha, de verdad era una mujer negra! O sea, de que, por ejemplo, en reuniones como Navidad y cosas así, había un plato para mí, pero que yo no podía comer con la familia, yo tenía que comer en otro lado [...] Era como un lugar donde estaba la casa que yo vivía con este chico y estaba la casa de la abuela que era como... que estaba atrás, que era una casa enorme, muy bella, y la familia se reunía en la casa de la abuela y yo me quedaba en la casa de adelante pasando mi Navidad, mi Año Nuevo, todo sola [e o marido] estaba allá con su familia [...] fue muy duro. Y también sufrí mucha violencia con respecto al vello corporal. Tuve mucho problema con él por eso. Y entonces era como “la negra” y para más remate “era peluda”, ay, no [...] había que dejarle aparte para que el chico no tuviera problemas, ¿no es cierto?, con su familia. Lo normalicé. Totalmente lo normalicé. Y, claro, di permiso también para que sucediera porque como que sentía, claro, me sentía como esclava, claramente, porque aparte de mantener, trabajar, era golpeada, estaba apartada... (Negra Como Yo, 2020).

É gritante, problemática e vergonhosa – para qualquer sociedade – a reconhecida estrutura de casa-grande e senzala na situação vivenciada por Luta Cruz. Ademais, é, no mínimo, inadmissível o fato de mulheres reproduzirem tantas violências contra outras mulheres. O

depoimento de Luta Cruz é fundamental para percebermos como a raça tem um peso determinante quando analisamos relações de poder. Lélia Gonzalez (2020, p. 118-119) nos ajuda a compreender tanto determinadas configurações pautadas em ideais eugênicos na América Latina quanto a situação vivenciada por Luta Cruz:

Sabemos que as sociedades ibéricas se estruturam a partir de um modelo rigidamente hierárquico, onde tudo e todos tinham seu lugar determinado (até mesmo o tipo de tratamento nominal obedecia às regras impostas pela legislação hierárquica). Enquanto grupos étnicos diferentes e dominados, mouros e judeus eram sujeitos a violento controle social e político. As sociedades que vieram a constituir a chamada América Latina foram as herdeiras históricas das ideologias de classificação social (racial e sexual) e das técnicas jurídico-administrativas das metrópoles ibéricas. Racialmente estratificadas, dispensaram formas abertas de segregação, uma vez que as hierarquias garantem a superioridade dos brancos enquanto grupo dominante.

Vale a pena ressaltar que a citação é um recurso para explicar a problemática, mas não para justificá-la. É imprescindível estarmos conscientes de que episódios tais quais os descritos não são exceções. Mais: devemos atentar para o fato de que a educação doméstica é fator primordial na manutenção da violência de gênero, haja vista o fato de que, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estadísticas – Chile (INE), em 2017, 84,9% dos lares monoparentais eram lideradas por mulheres e 77,6% representavam os lares biparentais chefiados por homens. Logo, percebe-se que a presença masculina indica tomadas de decisão e a feminina ocupa posições subalternas.

Tal reflexão encontra reforço na pesquisa Encuesta Internacional de Masculinidades y Equidad de Género (The International Men and Gender Equality Survey – IMAGES), realizada em 2011, que revelou,

entre outros dados, o seguinte: 40% dos homens acreditam que eles devem ter a última palavra em casa; 54% creem que o papel mais importante das mulheres é cuidar da casa e dos filhos; com relação à vida sexual, quase metade declarou que os homens necessitam de mais sexo que as mulheres e 10% consideraram que as mulheres merecem ser agredidas em algumas ocasiões; 30% reconheceram ter exercido violência física alguma vez contra a companheira; e 4% reportaram que foram violentos no contexto sexual (Aguayo; Correa; Cristi, 2011).

Portanto, surgem mais inquietações: senão, principalmente, dentro do ambiente familiar, onde os homens estão aprendendo a oprimir e violentar? Quem está ensinando as mulheres a acatarem agressões? Por que a inferiorização das afrochilenas é naturalizada?

É importante nos escandalizarmos e ao mesmo tempo nos posicionarmos de modo crítico quando nos confrontamos com crimes tais quais os descritos nas declarações da artista, ambientados em pleno século XXI. Trazer à ordem do dia Luta Cruz e toda a gama social que fomenta sua trajetória é também, e sobretudo, denunciar práticas racistas, misóginas e classistas que atentam para com a integridade física, emocional e psicológica de inúmeras cidadãs em Abya Yala.

As problemáticas implícitas e explícitas nesses episódios são inúmeras. Portanto, é urgente considerar a pluralidade das demandas feministas e, mais ainda, do feminismo negro latino-americano, através de autocríticas para reconhecermos que muitas vezes gozamos de algumas posições diferenciadas e que certos debates, projeções e resultados não alcançam realidades que se desenvolvem em latitudes outras, pois o que pensamos para nós (e quem seria esse nós?), nem sempre é suficiente ou aplicável ao outro (quem seria esse outro?).

Poderia eu – teórica, mulher cis heterossexual que nunca sofreu violência física, pertencente a um contexto familiar afetuosos, nunca

fui expulsa de casa, não tenho hirsutismo, sou bem resolvida quanto à autoestima e a relacionamentos – julgar ou determinar quais seriam as decisões escolhidas por Luta Cruz? O que é essencial para mim é essencial, importante, urgente para outras mulheres negras? O que é supérfluo ou insignificante para mim, também o é para outras mulheres negras? Evidentemente temos pontos de contatos entre nossas histórias e questões raciais, entretanto, se por um lado a minha trajetória de vida funcionou como uma espécie de blindagem para evitar situações como as apresentadas, por outro, as dela funcionaram também como blindagem, mas para evitar que certas violências se repitam.

Aqui optei em colocar-me em primeira pessoa, pois estou pautada na teoria do conhecimento chamada “epistemologia feminista”:

[...] desde donde se elaboran diversas críticas a la ciencia que surgen al revisar el viejo concepto de objetividad tradicionalmente entendido como la elaboración científica libre de prejuicios, consensuada en la comunidad científica y poner en valor la experiencia (Míguez, 2018, p. 113-114).

E, mais especificamente, dentro da epistemologia feminista, recorro à política da localização, desenvolvida por a Adrienne Rich (1984), que: “[...] al situar el cuerpo, en este caso la teoría, en un sitio del mapa, que es también un lugar en la historia, se visibilizan situaciones de opresión o privilegio, desde las cuales se escribe”. A partir desse posicionamento, a política da localização recebeu diversas contribuições e formulou novas críticas, entre elas, as que:

[...] señalan que la escritura científica debe realizarse en primera persona, y proponen eliminar el ‘nosotras o nosotros’ como referente universal para utilizar la primera persona, lo que implica hablar desde el propio cuerpo, esto permite en primer lugar,

eliminar posiciones abstractas y grandilocuentes, y visibilizar el lugar de opresión o privilegio desde el que se escribe, porque son estos factores los que condicionarán el enfoque, la problemática y en consecuencia formarán parte de la propia investigación (Míguez, 2018, p. 114).

Dessa maneira, olhar para mim é ao mesmo tempo olhar para outras realidades e respeitar o que nos diferencia. Nesse processo de olhar para o interior, Luta Cruz se descobre negra a partir de outras instâncias:

[...] En un momento cuando terminé esa relación dije ok. Soy una mujer negra, soy cantante y nadie más me va a venir a apartar ni en año nuevo, ni en navidad ni ninguna pareja ¡Nada! ¡Se acabó! Se acabó todo esto. Y ahí fue cuando me metí en la colectiva que se llama “micro secciones negras” y las chicas... Junto con ellas empezó un trabajo de empoderamiento y de reconocermelo como mujer negra. Porque al crecer en mi construcción de familia, que fue muy diversa, siempre me dijeron, por ejemplo, mi hermana, que era más oscura que yo, [...] siempre me molestó mucho por el hecho de que yo era más clara [...] porque eso pasa también. Entonces me molestaba mucho como que “ay, ella que es negra, pero casi no es negra”, “ay, pero sí, pero no”. Entonces, como que siempre estuve ahí en esta parte como que en el limbo de ser y no ser, hasta que después me di cuenta y dije: ¡no! Yo, sí, soy una mujer negra y sí a una persona que es más oscura que yo no le gusta, lo siento. Pero yo soy leída así y soy así y nací así. No puedo cambiármelo. No puedo quitármelo. No es algo que yo pueda, ay, quitarme el color de la piel o quitarme los rasgos de mi cara o quitar mi cabello. No puedo hacerlo (Negra Como Yo, 2020).

É perceptível, portanto, que a lacuna identitária, atravessada por Luta Cruz em certos momentos da vida, causou cenários propícios a embates dentro (nem tão negra) e fora do ambiente familiar (negra). Vale a pena ressaltar que a denominação de ser ou não ser negra é na

grande maioria dos casos realizada pelo outro, fato este que passa a ter fim quando a artista começa a perceber a necessidade de ela própria se autodefinir, pois era algo que dependia apenas dela. É importante também enfatizar que nesse processo de autorreconhecimento, o apoio de outras mulheres que atravessaram fases diferentes de empoderamento e enfrentamentos é fundamental.

Luta Cruz foi acolhida pelas, como poderíamos dizer em espanhol, “cimarronas”, para utilizar uma palavra de seu manifesto antirracista. A solidão dessa mulher negra vai, paulatinamente, sendo preenchida pelo aquilombamento feminino. Fortalecida, a artista passa a vivenciar encontros com o que estava adormecido dentro de si. Mais que se reconhecer enquanto mulher ou negra, ela se reconhece enquanto mulher e negra. Ou seja, da mesma forma que as opressões se davam por esses cruzamentos de raça, gênero e classe social, são essas mesmas interseccionalidades que a fortalecem. Logo, podemos considerar que Luta Cruz é uma mulher “politizada por forças cruzadas” (Rich, 1984, p. 34). Isso causa impactos irreversíveis tanto no próprio corpo quanto no corpo social. O que antes era visto como vergonhoso ou motivo para humilhações, agora reveste o orgulho através de um processo libertador e que se estende para a busca de histórias não contadas, de espaços negados, de conscientizações, da reivindicação de direitos:

Ahí empezó mi trabajo de reconocermé como mujer negra y ahí fue cuando empecé con el activismo de la apropiación cultural también, entendiéndome de que dentro de las artes era importante la inclusión de personas negras porque yo no entendía que el hecho que – había estudiado música en este momento que era jazz, que se viene del folklore afro, que viene con toda la historia de la opresión cubana en los Estados Unidos con respecto a la esclavitud y al proceso de la abolición de la esclavitud – no hubie-

ran personas negras impartiendo clases, siendo que yo conocía personas negras, que tenían las capacidades para impartir clases en la escuela. Y ahí empezó todo un proceso como de decir: ok, o sea [...] yo no quiero más opresión ni para mí, ni para ninguna de mis amigas, ninguna de mis hermanas, nadie. No quiero que ninguna mujer viva lo mismo que viví yo (Negra Como Yo, 2020).

Quer dizer, o corpo negro não é apenas um corpo físico, mas também político que se manifesta e que nega ser propriedade de alguém e ao mesmo tempo busca conscientizar e empoderar outros corpos. O empoderamento de uma mulher negra vem acompanhado de reivindicações da cultura expropriada e apropriada pela branquitude, do reconhecimento da ancestralidade, da possibilidade de desenvolver mudanças sociais, de desempenhar papéis de protagonistas, de combates às tentativas de modelação estética, de inclusão social, de confrontos com o sistema colonial de segregação que inferioriza grupos. Nesse sentido, Luta Cruz abraça e é abraçada pelo projeto feminista negro que:

[...] trabalha o marcador racial para superar estereótipos de gênero, privilégios de classe e cisheteronormatividades articuladas em nível global. Indistintamente, seus movimentos vão, desde onde estejam as populações de cor acidentadas pela modernidade colonialista até a encruzilhada, buscar alimento analítico para a fome histórica de justiça (Akotirene, 2018, p. 16).

É no enfrentamento aos diversos tipos de estigmatização e discriminações que Luta Cruz inicia a organização de festivais desde 2019, junto com coletivos de imigrantes que contemplaram artistas de diversas partes de Abya Yala, pois:

Mi idea era mostrar que acá en Chile no solo éramos mano de obra barata, porque yo fui mano de obra barata muchos años y

mi familia también y hay personas que también siguen siendo hasta este minuto y no son consideradas como personas, ni intelectuales, ni personas [...] entonces como que dije: ok, si nadie tiene esta necesidad yo la tengo, yo la voy a hacer (Negra Como Yo, 2020).

É possível perceber como os atravessamentos se fazem presentes no processo de fortalecimento de Luta Cruz e como a ideia de união se mostra latente, haja vista a histórica diáspora forçada do povo negro e as separações familiares provocadas pelos escravocratas. Divisões essas que até hoje acontecem devido às profundas raízes coloniais que se apresentam no racismo estrutural e institucional. Prova disso é a morte da imigrante haitiana Joane Flovil que, diante de uma sucessão de negligências, injustiças, desamparos, informações descabidas e exposição da imagem – configurando racismo institucional desde órgãos públicos à imprensa –, foi detida e, algumas semanas depois, transferida para um hospital onde faleceu um mês após a prisão, em 30 de setembro de 2017¹.

O desumano episódio ocorrido com a imigrante haitiana motivou a criação do Dia Contra o Racismo e mais um festival organizado por Luta Cruz. Entretanto, nem os casos de racismo nem tampouco a estigmatização da população imigrante haitiana e, claro, da afrofeminista chilena, minimizaram. Portanto, vale a pena recordar a clássica e conhecida frase de Angela Davis: “quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. É nesse movimento que a compositora afro-chilena transita e provoca fissuras importantes para minar o projeto de apagamento. Em fevereiro deste

1. Para informações mais detalhadas sobre o caso, recomendo a leitura do dossier *Chile enseña la miseria*. Joane Florvil: *la violencia interseccional tiene nombre*, de Nicole Araya Quiñones e Mayte Cantero-Sánchez. Disponível em: document6.pdf (bibliotecafragmentada.org).

ano (2023), ela ganhou o prêmio Queen Awards 2023 na categoria Mejor Artista Preyección del Año, promovida pelo perfil @chilean-queenplaylist. Foi a primeira vez que uma mulher negra e barbuda recebeu a premiação. Este é um espaço de visibilidade significativo, pois, como declara a própria artista, abre caminho não só para ela e para afro-chilenos, mas para todo mundo (Chilean Queens Playlist, 2023).

Logo, ativismos como os de Luta Cruz são imprescindíveis para abalar as bases de estruturas erguidas sobre a égide da naturalização e da normalização de atitudes misóginas, classistas e racistas. As violências interseccionais atingem as mulheres negras e respingam em todas as camadas do construto social que ora negligencia, ora legitima que novos alvos sejam criados. Dessa forma, o corpo-manifesto de uma mulher pobre, lésbica, peluda, afrochilena, racializada, acerta em cheio na frágil e falaciosa democracia racial, assentada no “racismo por denegação” (Gonzalez, 2020).

Considerações (ainda não) finais

Qual a importância de Luta Cruz para Abya Yala? O corpo da afro-feminista chilena é uma afronta ao sistema racista, misógino e gerador de padrões. A maneira como ela performa e atua se choca diretamente com os estereótipos e com as convenções sociais. As experiências relatadas nos revelam que a mulher negra, sobretudo em países como o Chile, vivencia literalmente os estigmas da objetificação e da animalização e, portanto, sofre violências devido ao fato de determinadas pessoas, inclusive nos relacionamentos homoafetivos, ainda a considerarem propriedade, objeto, animal exótico. Manter-se viva em meio a tantas armas apontadas para si é um ato de rebeldia e, consciente disso, a afrofeminista decide empoderar outras mulheres.

A teoria recomenda abordagens a partir de recortes – histórico, social, racial, sexual, de gênero... – para sistematizar as pesquisas. Ao iniciar esta investigação, me dei conta de que, em se tratando de Luta Cruz, está tudo tão imbricado que se tornou impossível fragmentá-la. Logo, a artista precisou ser apresentada inteira, completa, sem cortes ou divisões.

Luta Cruz está composta por atravessamentos e deslocamentos temporais, artísticos, sociais, humanos, territoriais e históricos com experiências e vivências corporificadas, pois “[...] as mulheres negras evidenciaram destreza corpórea, insubmissão política em defesa do abolicionismo e sufrágio, preocupadas em superar toda e qualquer opressão, sem que, para isto, credenciais acadêmicas validassem este conhecimento” (Akotirene, 2018, p. 16). Portanto, despertar a negritude foi encontrar-se enquanto mulher em uma avenida identitária e em encruzilhadas de raça, gênero, classe social e sexualidade – para dialogar com os pensamentos produzidos por Crenshaw e Akotirene –.

Destarte, é imprescindível abarcar questões relacionadas a violências sustentadas por linguagens, comportamentos, divisões sexuais do trabalho, educação doméstica e mercado laboral – para ficar apenas nesses setores – herdeiros de um sistema colonial que influencia instituições, imaginários coletivos e estruturas dentro e fora da vida privada. Registrar o nome de Luta Cruz nos escritos de mulheres nativas, mestiças e transoceânicas é reconhecer que a epistemologia feminista e decolonial deve considerar que Abya Yala necessita de uma epistemologia feminista outra, repleta de vozes que ecoam e ressoam com/no coletivo, mas sem perder a individualidade.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro). ISBN 978-85-98349-69-5.

BLAZQUEZ GRAF, Norma. Epistemología feminista: temas centrales. In: BLAZQUEZ GRAF, Norma; FLORES PALACIOS, Fátima; RÍOS EVERARDO, Maribel. *Investigación feminista. Epistemología, metodología y representaciones sociales*. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2010, pp. 22-23.

CARNEIRO, Sueli. 2020. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *NEABI*. Disponível em: www.unicap.br/neabi/?page_id=137. Acesso em: 22 nov. 2022.

CHILEAN QUEENS PLAYLIST. *Y quien gana Artista Proyección es...* Chile, 18 fev. 2023. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CookeLAZuA/?igshid=MDJmNzVkMjY=>. Acesso em: 21 fev. 2023.

CRUZ, Luta. *Manifiesto antirracista. Como ya no siento miedo de mostrar mi corporalidad, menos miedo voy a sentir al decir lo siento. ESTE TEXTO NACE EN ENERO, LO PRESENTÉ CON MUSICALIZACIÓN Y DESNUDO. EN EL AFROFEST. Festival que reúne distintas mujeres músicas*. Chile, 11 jul. 2020. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CChR7CXpT3U/?gshid=NjcyZGVjMzk=>. Acesso em: 27 dez. 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Ensaaios, intervenções e diálogos. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: EDITORA SCHWARCZ S.A., 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA – CHILE. *Jefatura de hogar según tipo de hogar INE*, Censo 2017, Disponível em: [Jefatura de hogar \(ine.gob.cl\)](http://ine.gob.cl). Acesso em: 3 jan. 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Episódios de Racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MÍGUEZ Sheila Fernández. *Una visión de la violencia machista en Chile desde el derecho penal y la justicia mapuche*. Universidad Autónoma de Chile. Universidad La Coruña. Facultad de Derecho. Instituto de Investigación en Derecho. 2018. Disponível em: Microsoft Word - luz Sheila Fernández tesis agosto (2).docx (uautonoma.cl). Acesso em: 30 dez. 2022. DOI: 10.32457/20.500.12728/87512020DD2.

NEGRA como yo. Gisette Rosas EP #64 | Artista Afrochilena - Invitada: Luta Cruz | #NegraComoYo Podcast Disponível em: EP #64 | Artista Afrochilena - Invitada: Luta Cruz | #NegraComoYo Podcast - YouTube, 2020. Acesso em: 30 dez. 2022.

Recebido em: 19/07/2023

Aprovado em: 11/10/2023

Licenciado por

